



Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C198 Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-455-9
DOI 10.22533/at.ed.559190507

1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.5591905071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	
Bruna Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.5591905072	
CAPÍTULO 3	25
A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS	
Ana Paula Giavara	
DOI 10.22533/at.ed.5591905073	
CAPÍTULO 4	39
DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL	
Dehon da Silva Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.5591905074	
CAPÍTULO 5	52
ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Priscila Lopes d’Avila Borges	
DOI 10.22533/at.ed.5591905075	
CAPÍTULO 6	61
O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA	
Guilherme Marchiori de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.5591905076	
CAPÍTULO 7	71
OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939)	
Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.5591905077	
CAPÍTULO 8	82
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5591905078	

CAPÍTULO 9	92
DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS	
Wagner Lucas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5591905079	
CAPÍTULO 10	101
O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	
Maximiliano Ruste Paulino Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050710	
CAPÍTULO 11	111
A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA	
Reginaldo José da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050711	
CAPÍTULO 12	124
A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822)	
Leandro Silva de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.55919050712	
CAPÍTULO 13	131
A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985)	
Flávio William Brito Matos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050713	
CAPÍTULO 14	142
O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892	
Danilo Arnaldo Briskievicz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050714	
CAPÍTULO 15	155
A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA	
Alex Faverzani da Luz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050715	
CAPÍTULO 16	172
AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO	
Carlos Alberto Machado Noronha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050716	

CAPÍTULO 17	181
A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
Reginaldo Célio Sobrinho	
Edson Pantaleão	
Giselle Lemos Shmidel Kaustsky	
DOI 10.22533/at.ed.55919050717	
CAPÍTULO 18	190
CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Giselle Lemos Schmidel Kautsky	
Reginaldo Celio Sobrinho	
Edson Pantaleão Alves	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050718	
CAPÍTULO 19	199
DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	
Monica Isabel Carleti Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050719	
CAPÍTULO 20	210
CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL	
Bárbara Birk de Mello	
Luiz Antonio Gloger Maroneze	
DOI 10.22533/at.ed.55919050720	
CAPÍTULO 21	221
DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050721	
CAPÍTULO 22	238
CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO	
Sérgio César Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050722	
CAPÍTULO 23	248
DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	
Renata dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050723	
CAPÍTULO 24	259
O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL	
Douglas José Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050724	

CAPÍTULO 25	269
ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050725	
CAPÍTULO 26	281
FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD	
Isabela G. Parucker	
DOI 10.22533/at.ed.55919050726	
CAPÍTULO 27	290
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
DOI 10.22533/at.ed.55919050727	
CAPÍTULO 28	301
NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO	
Gilian Evaristo França Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050728	
CAPÍTULO 29	316
A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA	
Rosemary Pinheiro Da Paz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050729	
CAPÍTULO 30	329
UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS	
Gustavo Uchôas Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.55919050730	
CAPÍTULO 31	340
INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)	
Heloísa Maria Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050731	
CAPÍTULO 32	352
ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA	
Jefferson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050732	

CAPÍTULO 33 363

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

DOI 10.22533/at.ed.55919050733

SOBRE A ORGANIZADORA..... 372

O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Isabella Brandão Lara

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade
de Educação
Belo Horizonte – MG

Ana Maria de Oliveira Galvão

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade
de Educação
Belo Horizonte – MG

RESUMO: A presença do bordado na formação de mulheres é percebida desde o período colonial até o século XX, tanto as instituições de ensino como outras instâncias de formação. Em muitos espaços e tempos, o bordado foi atribuído como parte integrante da natureza feminina, sendo considerado por alguns autores quase como uma segunda característica sexual de suas praticantes. Por esse motivo, o presente artigo visa apresentar uma breve trajetória da prática do bordado na formação de mulheres brasileiras, em ambientes escolares e não escolares, do século XVIII ao XX, tendo como referência a bibliografia nacional localizada. A análise das publicações demonstrou que o bordado foi utilizado na educação de mulheres para diferentes finalidades como: inculcar noções de feminidade nas jovens, induzir comportamentos, ocupar mentes ociosas, reproduzir símbolos e crenças religiosas, dar distinção social, ser um meio de economia

doméstica e para a profissionalização e geração de renda para as mulheres mais pobres. Além disso, a presença dos trabalhos em agulha nos processos educativos dá indícios para futuras reflexões acerca dos ideais de feminilidade e dos papéis de gênero em diferentes tempos, espaços e grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Bordado, História da Educação Feminina, Trabalhos Manuais

EMBROIDERY AND THE RESEARCH IN HISTORY OF EDUCATION IN BRAZIL: A LITERATURE REVIEW

ABSTRACT: The presence of embroidery in women's educations is noticed since colonial period until twentieth century, either in public and private schools or other institutions. In many places and times, embroidery was considered part of women's nature and some authors affirm that was almost a secondary female sexual characteristic. Thence, this paper aims to present a brief history about the relation of embroidery and women's education in Brazil, from 18th to 20th century, based on the local researches. The analysis of these publications has shown that needlework has been used for many goals: to make girls more feminine, to induce behaviors, to fill up empty minds, to reproduce symbols and religious beliefs, for social distinction, to decrease expenses, and to professionalize and generate incomes. Besides that, the presence

of needlework in educative processes induces further reflections about femininity and gender roles in different times, places and social groups.

KEYWORDS: Embroidery, Needlework, History of Education

1 | INTRODUÇÃO

A mão da mulher tem olheiros nas pontas dos dedos: risca o pano, enfia a agulha, costura, alinhava, pesponta, chuleia, cerze, caseia. Prende o tecido nos aros do bastidor: e tece e urde e borda (BOSI, 1977, p.55)

Riscar, chulear, cerzir, bordar... Na educação de algumas mulheres, esses foram verbos tão presentes como ler, escrever e contar. A relação do bordado com a educação feminina não é recente, ela ultrapassa os séculos, os territórios e, no Brasil, é percebida desde o período colonial até meados do século XX, adentrando tanto as instituições de ensino – públicas e privadas – como os lares, as igrejas, os clubes, os cursos profissionalizantes e outras instâncias educativas. O bordado – cujas técnicas, modos de fazer, suportes e finalidades se diferenciam no tempo, no espaço e de acordo com os grupos que o produz – pode ser entendido, segundo Paulo Silva (2006), como um trabalho de ornamentação realizado com agulhas e fibras (linhas) para criar desenhos decorativos sobre uma superfície (geralmente, tecidos). Embora também praticada por homens, como será descrito, essa atividade chegou a ser atribuída como parte integrante da natureza feminina, podendo ser considerada por alguns autores “quase como uma segunda característica sexual” de suas praticantes (PARKER, 2010, p. 60).

Mesmo diante dessa estreita aproximação, ainda são poucos os estudos que têm como objetivo compreender a relação do bordado com a educação das mulheres. Contudo, existem textos do campo da História da Educação que citam e/ou descrevem os processos de ensino desse trabalho manual em meio a outros objetivos acadêmicos, de modo que nos fornecem indícios de como o bordado foi realizado ao longo do tempo. Ou seja, mesmo não sendo um objeto de interesse frequente nas pesquisas educacionais, a menção à prática do bordado o coloca presente em diversos cenários, não necessariamente como ator principal, mas nos planos secundários e nas histórias de bastidor.

Partindo da premissa da historiadora inglesa Rozsika Parker (2010, p. ix) que afirma que “conhecer a história dos bordados é conhecer a história das mulheres”, esse artigo busca apresentar os trabalhos localizados no campo da História da Educação Brasileira que descrevem o processo de ensino desse trabalho manual do período colonial ao século XX.

2 | BORDADO E EDUCAÇÃO FEMININA: SÉCULOS DE RELAÇÃO

Embora a prática do bordado nos leve a pensar exclusivamente no contexto feminino, sabe-se que nem sempre foi assim. Roszika Parker (2010, p.60), ao discutir sobre a história do bordado na Inglaterra, relatou que no século XVIII a maior parte das pessoas que bordavam para os reis era do sexo masculino. Neste mesmo século no Brasil, mais especificamente nas Minas Gerais dos Inconfidentes, Thomaz Antônio Gonzaga escreveu em suas liras de amor que sonhou estar bordando o vestido de casamento de sua amada, Marília de Dirceu (GONZAGA, [1792] 2014), o que, segundo Maraliz Christo (2013), também consta como argumento de defesa do poeta nos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira, que se declarou alheio à conjuração por estar entretido no trabalho de bordado. Também em solo mineiro, na cidade de São João del Rei, encontram-se bordados produzidos pelo líder da Revolta da Chibata, João Cândido, que enquanto preso passava o tempo bordando toalhas e paisagens que intitulava como “Minas Gerais”, “O adeus do marujo” e “Amor” (CARVALHO, 1995). Nas artes visuais brasileiras também temos os nomes de Arthur Bispo do Rosário, que na década de 1960 produziu em torno de 1000 peças artísticas de referência do uso cotidiano, como roupas e bordados (ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL, 2018), o de Leonilson e sua intimidade bordada na década de 1980 (LEONILSON, 2015) ou ainda as contestações de gênero na arte contemporânea dos “almofadinhas” Fábio Carvalho, Rick Rodrigues e Rodrigo Mogiz (CARVALHO, RODRIGUES E MOGIZ, 2017).

O nome “almofadinhas”, dado à exposição dos artistas citados acima, nos remete ao ano de 1919, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde teria ocorrido um episódio que deixou explícita a relação entre o bordado e as definições de gênero. Nesse ano um concurso reuniu “rapazes elegantes e afeminados” que buscaram definir quem era o melhor na arte de bordar e pintar almofadas, causando estranheza na população e manifestações públicas na imprensa. O ato de bordar, associado ao universo feminino, não era previsto para homens, muito menos em situações públicas, o que gerou reações populares, inclusive de Lima Barreto, que em uma de suas crônicas afirmou: “Foi à custa do esforço e abnegação dos pais que esses petroniozinhos de agora obtiveram o ócio para bordar vagabundamente almofadinhas em Petrópolis, ao lado de meninas deliquescentes” (CARVALHO, RODRIGUES E MOGIZ, 2017, S/N).

Dentro da relação entre gênero e bordado, mas ultrapassando o binarismo sexual, encontramos também o exemplo das Muxes mexicanas, conhecidas como o terceiro gênero. As Muxes são um grupo de indígenas nascidos na região do Istmo de Tehuantepec, que não se reconhecem dentro da lógica heterossexual nem homossexual (BOTTON, 2017). Sua identidade de gênero é “Muxe”. Segundo Botton (2017, p. 23), as Muxes “precisam seguir alguns dos costumes tradicionais dessas comunidades, como participar das celebrações comunitárias e das festividades que se levam a cabo na região” e, dentre estes costumes está o de bordar, que é percebido em suas vestimentas típicas e é considerado uma de suas principais fontes de renda

(BARBOSA, 2016).

Mesmo que estes exemplos sejam bem pontuais e afastados uns dos outros espacial e temporalmente, eles demonstram que o bordado vem atravessando a história de diversos modos e em diversos grupos sociais há muitos séculos. Nessa longa trajetória, em que momento podemos dizer que ele foi atribuído como parte da natureza feminina (PARKER, 2010, p. 60)?

Na História da Educação brasileira, a prática do bordado acompanha as mulheres desde o período colonial. A predominância de ações educativas voltadas ao público masculino, neste momento, não significou a inexistência de iniciativas destinadas à formação das mulheres, muito menos as que utilizavam os trabalhos manuais. As pesquisas apontam, geralmente, três espaços principais da educação feminina entre os séculos XVI e início do XIX no Brasil: os recolhimentos, os conventos e os espaços domésticos – da própria aluna ou das mestras de ofícios (OLIVEIRA, 2008).

Sobre as instituições religiosas temos o trabalho de Maria Beatriz Nizza da Silva (1977) que, ao analisar o estatuto do Recolhimento de Nossa Senhora da Glória, em Pernambuco, redigido em 1798, observou algumas peculiaridades nas atividades educativas que ocorriam em relação aos trabalhos manuais. A primeira delas refere-se à interdisciplinaridade das aulas de bordado, onde muitas vezes, juntos aos pontos, eram dadas lições de outras disciplinas, como História e Música. Segundo a autora, as mestras poderiam entoar cantos inocentes e contar-lhes “alguns passos da História” (SILVA, 1977, p. 159) para acompanhar a atividade das linhas com a agulha. Paralelamente, nas aulas de bordado também seriam ensinadas noções de proporção e regras sobre Desenho, uma vez que um dos critérios que avaliava o “bom gosto” dos trabalhos poderia ser oriundo desse tipo de conhecimento. Outro ponto refere-se à organização do espaço físico das aulas, em que as alunas eram separadas de acordo com o tipo de trabalho que cada uma realizava. Segundo Maria Beatriz N. da Silva,

No Recolhimento de Nossa Senhora da Glória, a aula de coser e bordar assemelhava-se a uma pequena manufatura caracterizada pela divisão do trabalho. A mestra tinha o cuidado de colocar num lugar as que faziam “costuras finas, ou grossas”; noutro as que bordavam “de linho, ou seda, de ouro, ou prata”; noutro as que faziam renda; e finalmente noutro as que faziam “meias e redes de linho, algodão, ou de retrós” (SILVA, 1977, p.158).

A autora explica que o foco nos trabalhos manuais era parte das intenções educativas do Recolhimento, já que, segundo o seu estatuto, “a ciência das mulheres, assim como a dos homens, deve ser proporcionada aos seus empregos: diferença das ocupações é a que faz a dos seus estudos” (SILVA, 1977, p. 156). Como muitas das enclausuradas poderiam se casar futuramente, ler, escrever, contar, coser e bordar era o tipo de instrução que as religiosas acreditavam que suas alunas deveriam receber para cuidar do marido, filhos e da casa. As demais, que seguiriam o caminho da religião, também aprenderiam música e latim.

Ainda nas instituições religiosas, alguns trabalhos, como de Ana Cristina Lage

(2014) sobre o Recolhimento do Vale das Lágrimas, em Minas Gerais, ou o de Maria José Rodrigues (2010), sobre o Recolhimento de Nossa Senhora da Anunciação e Remédios, no Maranhão, indicam um possível destino para os trabalhos manuais produzidos pelas mulheres reclusas. Segundo as autoras, junto das esmolas dos fiéis, a venda dos trabalhos em agulha seria importante fonte de rendimentos para a manutenção das instituições. Com isso, as autoras indicam outra função para a prática do bordado nos recolhimentos coloniais: o auxílio na preservação e continuidade das ações educativas católicas.

Caminhando para outras instâncias de formação, podemos citar a dissertação de mestrado de Cláudia Oliveira (2008), que se dedicou ao estudo dos trabalhos manuais de mulheres mineiras órfãs da segunda metade do século XVIII. A autora utilizou-se de inventários, testamentos e prestações de contas ao Estado como principais fontes de investigação para identificar pistas da circulação e da formação de meninas. A partir dessas fontes foi possível conhecer alguns tipos de modelos educativos oferecidos, algumas redes de sociabilidades, alguns saberes valorizados para a educação das mulheres no período, mas pouco se sabe sobre os métodos e técnicas, ou seja, sobre *como* o ensino de bordado era realizado.

Cláudia Oliveira (2008) mostra que para ensinar costura e bordado em Minas Gerais na segunda metade do século XVIII não era preciso necessariamente de uma instituição escolar. O ofício poderia ser aprendido em ambientes domésticos, nas próprias relações familiares, com avós, mães, tias ou outras mulheres de diferentes graus de parentesco, ou por mediação das mestras de costura. Nesse caso, as meninas teriam que se deslocar para a residência ou oficina das mestras, o que as colocava em circulação por algumas localidades.

Qualquer mulher estava susceptível a aprender a bordar, pois essa era uma das práticas que compunham o leque das atividades lícitas das mulheres no período colonial, isto é, enquanto bordavam elas afastavam-se da marginalidade, que incluía tanto a prostituição, como a feitiçaria e o curandeirismo (OLIVEIRA, 2008, p. 133). No caso das meninas órfãs, todavia, estava previsto em lei que seus tutores eram obrigados a encaminhá-las para o aprendizado de algum ofício, a fim de lhes garantirem meios de subsistência. Muitas vezes, os responsáveis optavam pelas mestras de ofícios para que pudessem comprovar aos Juizes de Órfãos a educação dada às órfãs. Claudia Oliveira (2008) cita o exemplo de Manoel Afonso Gonçalves, tutor de três meninas de 11, 13 e 14 anos, que no ano de 1779 fez a seguinte prestação de contas ao Juiz:

(...) Órfã Maria: Despesa com mestras para ensinarem a coser, tecer, rendas, crivos, bordar e fazer meias (20 mil réis). Despesas com tesouras, dedais, agulhas, alfinetes, bilros e almofadas (7 mil réis).

(...) Órfã Eufrásia (casada): Despesas com mestras para aprender a coser, tecer, bordar, crivar, rendar e fazer meias (20 mil réis). Despesas com tesoura, dedais, agulhas, alfinetes, bilros, almofadas (7 mil réis).

(...) Órfã Josefa: Despesa com mestras para ensinarem a coser, tecer, rendar, crivar, bordar e fazer meias (20 mil réis). Despesa com dedais, agulhas, tesoura,

Sobre a educação feminina no século XIX, Guacira Lopes Louro (2015) mostra que o conceito de educação deste período continuava fortemente relacionado à formação moral, para a constituição do caráter, enquanto a instrução era voltada para a informação e para o conhecimento, geralmente destinada aos meninos. Segundo a autora, muitos grupos sociais afirmavam que “as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas” já que seu destino como mãe exigia mais de bons princípios do que os demais conhecimentos (LOURO, 2015, p. 446). Por este motivo, o currículo das meninas no século XIX (e grande parte do século XX) contava com disciplinas como economia doméstica e trabalhos manuais (ou trabalhos em agulha, como também era conhecido). Bordar era considerado uma habilidade desejável para as professoras do século XIX e era possível encontrar retalhos de linhos brancos anexos às provas dos concursos para docentes, onde se percebia a perfeição dos pontos de bordado das candidatas (TEIXEIRA, 2013).

A relação entre a educação feminina e os trabalhos manuais ocorria de maneira tão intrínseca, que Ivan Manoel (1996) relata um caso ocorrido na cidade de São Vicente, São Paulo, no ano de 1857, em que os pais das alunas da professora pública Mafalda Virgínia das Dores solicitaram por meio de um ofício que a mestre “... ensinasse só costura para as filhas, porque ler e escrever de nada lhes serviria e que, portanto, [seria] um despropósito gastar tempo para aprender isso” (MANOEL, 1996, p. 33-34).

Arend (2016) observa que no século XIX, logo nos primeiros anos de vida das meninas, as famílias deviam se preocupar com o seu futuro casamento. Isso incluía desde o dote até a produção de um enxoval:

[as meninas] eram apresentadas aos segredos do bordado, da confecção de rendas e da costura pelas mãos de mães, tias ou amas de leite. Assim, com bastante antecedência, o enxoval – lençóis de linho, toalhas de mesa, roupa branca – começava a ser produzido (AREND, 2016, p.67).

O bordado também foi associado às representações e valores republicanos da passagem do século XIX para o XX, sobretudo no que diz respeito aos padrões de civilidade e feminilidade. Uma dessas representações pode ser vista na pintura de Pedro Bruno (Figura 1), intitulada “A Pátria” (1918) que retrata as mulheres bordando a primeira bandeira da República (TADDEI, 2010).

Quatro mulheres, simetricamente dispostas, concentram-se com igual empenho nas tarefas de bordar a bandeira e/ou cuidar das crianças. À esquerda, a porta escancarada deixa entrar a luz do dia e entrever uma paisagem montanhosa. Finalmente a bandeira, pousada no centro desse ateliê improvisado, circundada por caixas de costura, meadas de linha e estrelas que se espalham em desalinho, tem uma das extremidades de seu mastro no chão e outra apoiada em uma cadeira de estilo francês. O título do quadro, A Pátria, nos fornece pistas para interpretá-lo (TADDEI, 2010, p. 200).



Figura 1: Pintura "À Pátria" de Pedro Bruno.

Fonte: Museu da República. Disponível em: <http://museudarepublica.museus.gov.br/galeria-virtual/>. Acesso dia: 16 de novembro de 2018.

Entre os ideais republicanos das elites urbanas brasileiras estava a formação de uma população mais civilizada, mais educada e em diálogo com os círculos culturais europeus. Neste sentido, os trabalhos manuais, que na maior parte das vezes dava ares de refinamento a quem os produzia e ao local onde era exposto, ocupou lugar também nas escolas normais, nas escolas confessionais e nas demais instituições de ensino públicas e privadas. Era comum ao final de cada ano exibir os trabalhos das alunas em exposições abertas ao público, com repercussão na imprensa, o que pode ser percebido em diversas localidades país, como em Curitiba-PR (FREITAS, 2011), em Ribeirão Preto-SP (GAETA, 2002), em Pelotas – RS (OLIVEIRA E AMARAL, 2015), na Bahia (CERAVOLO, 2016) e em Belo Horizonte (LARA, 2019) e como mostra a Figura 2.



Figura 2: Exposição da disciplina de trabalhos manuais do Grupo Escolar Afonso Penna.

Legenda da foto: “Sala onde estão expostos os trabalhos artesanais (bordados, pinturas) dispostos no chão e fixados nas paredes. Fotografia publicada em “A Vida de Minas”, nº 10, de 25 de dezembro de 1915”. Fonte: Arquivo Público Mineiro.

Um dos trabalhos mais recentes encontrados sobre a associação do bordado com a educação feminina na passagem do século XIX para o XX foi defendido no ano de 2017, no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, por Mariana Carvalho. A autora teve como objetivo analisar a transmissão e a produção de bordados no ensino confessional no período correspondente à segunda metade do século XIX e o início do século XX para compreender o lugar social desta prática no disciplinamento do corpo e da mente das mulheres, bem como discutir as formas que a educação atuou nas construções de gênero (CARVALHO, 2017). Como resultado, foi percebido que nas instituições de ensino analisadas o bordado serviu como objeto de opressão e controle, embora também tenha se tornado um meio de expressão. Fazia parte da intenção das escolas criar padrões de feminilidade que, no caso da doutrina cristã, associava as mulheres à devoção, ao cuidado e à educação dos filhos. Assim, o ensino do bordado foi um instrumento e um meio de “inculcar a doutrina religiosa e induzir comportamentos” (CARVALHO, 2017, p. 205), uma vez que, junto deles, vinham lições morais, lições sobre condutas corporais e representações do feminino.

No caso dos grupos escolares, Gilma Rios (2017) analisou os programas de ensino dos cursos primários da cidade de Araguari, em Minas Gerais, entre os anos de 1916 e 1919 e observou que a disciplina de trabalhos manuais era separada a partir da divisão de gênero, em que os meninos aprendiam o manuseio de utensílios e ferramentas, modelagens, cerâmica, trabalhos em madeira e ferro, dentre outros, enquanto para as meninas, entre um leque de atividades diversas, era presente o trabalho em agulha do primeiro ao último ano:

O programa de trabalhos manuais para as meninas estipula para o primeiro ano, aprendizagem em dobramento: corte e recorte de papel, dobramento de peças de roupas, confecção de pacotes, de envelopes, de flores de papel, enfeites para mesa, nós e laçadas, uso e manejo da agulha, alinhavos e emenda de dois ou mais panos. Para o segundo ano, deveriam dar cumprimento as seguintes tarefas: modo de franzir, pesponto, confecção de flores e figuras de papel, buquês, pregar botões e colchetes, marcar lenços e outras peças do vestuário e modelagem em cera ou barro. No terceiro ano, seriam instruídas a fazer bainhas, remendos, pontos de marca, casear e crochê, corte e preparo de roupas brancas, bordados em lenço e roupas de cama, uso da máquina de costura, uso de ferro de engomar e preparo da goma. E no último ano, seriam preparadas para modelagem, exercícios e aplicação com lã, aprenderiam a fazer toucas, sapatinhos de lã, camisas, camisolas, saia, toalhas, fronhas, lenções, entre meios, corte de papelão confecção de caixas, porta jornais, estojos etc. (RIOS, 2017).

A diferenciação sexual do ensino de trabalhos manuais acompanhou meninos e meninas até a segunda metade do século XX, não só nas escolas de ensino básico como em cursos profissionalizantes, nos centros sociais, na imprensa periódica e

revistas especializadas. Isabella Lara (2019) mostra que na cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1940 e 1960 grupos escolares, Institutos de Educação, escolas confessionais espalhadas por toda cidade ofertavam aulas de bordados exclusivamente para meninas no nível primário e ginásial. Não foram encontradas ocorrências do ensino de bordado em cursos Normal ou Científico, embora os trabalhos em agulha integrassem alguns cursos técnicos, como o industrial. Cursos específicos como os promovidos pela marca de máquinas de costuras Singer ou pelo Centro Social do SESC-MG faziam o público feminino circular por toda a cidade, seja para assistirem as aulas, para comprar aviamentos, visitar exposições de bordado ou adquirir revistas. Também estavam disponíveis cursos de bordado por correspondência, como os do Instituto Universal Brasileiro, que enviava as lições pelos correios para a casa das alunas, além das frequentes dicas de pontos e trabalhos bordados que eram encontradas nas páginas femininas dos jornais diários ou das revistas femininas.

Ainda segundo a autora supracitada, bordado e formação de mulheres andaram lado a lado até final da década de 1960, quando as sociedades ocidentais passaram por significativas mudanças estruturais, principalmente devido à industrialização, à urbanização e aos movimentos feministas. Mesmo que nesse período a prática do bordado possibilitasse meios de profissionalização feminina e geração de renda, ela ficou associada à imagem de submissão feminina e da atuação das mulheres no ambiente doméstico, que produziam peças de vestuário para a família, de decoração para o lar e ocupavam parte do seu tempo com os demorados trabalhos de linhas e agulhas. Assim, em um período de intensas reflexões e problematizações sobre as identidades e papéis sociais tradicionais, o bordado foi sendo deixando de lado, desaparecendo dos currículos escolares, sendo substituídos pelo fazer industrial e agregando valores simbólicos relacionados ao modelo de vida do passado, manual, longe da modernidade e praticidade que acompanhava a vida da nova mulher.

Para as décadas que se seguem ao longo do século XX, não foram encontradas publicações no campo da História da Educação que se referem à prática do bordado. Porém, com a passagem dos anos 2000 foi retomado o interesse por esse tema e identificamos trabalhos que associam o bordado e educação, porém, com uma conotação diferente dos já mencionados anteriormente. Cláudia Chagas (2007) estudou a relação do bordado com as práticas cotidianas de sala de aula, no Rio de Janeiro, especialmente voltadas à alfabetização e ao letramento no início do século XXI; Maria Luciana Silva (2010) investigou os processos educativos que ocorrem a partir das experiências de um grupo de bordadeiras de Ipatinga, Minas Gerais, entre os anos de 2007 e 2009; objetivo semelhante foi o de Edla Eggert (2011), que pesquisou sobre a formação que ocorre a partir do fazer manual de mulheres do Rio Grande do Sul; o bordado ainda apareceu como linguagem na arte-educação (Sousa, 2012) e sua presença foi percebida também na literatura infantil (Maia, 2009).

É importante ressaltar que essa revisão bibliográfica não tem a intenção de esgotar o debate sobre a relação do bordado com a educação feminina, sendo que a mesma pode ser constantemente atualizada. No entanto, consideramos importante fazer uma primeira sistematização das publicações sobre esse tema, de modo a contribuir para o interesse para futuros pesquisadores.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa revisão bibliográfica, o presente trabalho buscou contribuir com o que já se sabe sobre a relação do bordado com a educação das mulheres, visando, especialmente, apresentar as especificidades sobre o contexto brasileiro do século XVIII ao século XX e colaborar com os debates sobre os processos formativos que ocorrem dentro e fora do ambiente escolar.

A análise das publicações demonstrou que o bordado foi utilizado na educação de mulheres para diferentes finalidades como: inculcar noções de feminidade nas jovens, induzir comportamentos, ocupar mentes ociosas, reproduzir símbolos e crenças religiosas, dar distinção social, ser um meio de economia doméstica e para a profissionalização e geração de renda para as mulheres mais pobres. Além disso, a presença dos trabalhos em agulha nos processos educativos dá indícios para futuras reflexões acerca dos ideais de feminilidade e dos papéis de gênero em diferentes tempos, espaços e grupos sociais.

REFERÊNCIAS

- AREND, Sílvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana (Orgs). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 65-83.
- BARBOSA, Luanna. Muxes: entre localidade e globalidade. – Transgeneridade em Juchitán, Istmo de Tehuantepec. **Mandrágora**, v. 22, n. 2, p. 5-30, 2016.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977. 219 p.
- BOTTON, Viviane. Mexes: gênero e subjetivação, entre as tradições e as novidades. **Ecopolítica**, São Paulo, n. 17, p. 19-32, jan-abr 2017.
- CARVALHO, Fábio; RODRIGUES, Rick; MOGIZ, Rodrigo. **Almofadinhas**. Belo Horizonte: 2017. Catálogo da exposição, 17 de fevereiro – 26 de março de 2017, SESC Palladium, Galeria de Arte GTO.
- CARVALHO, José Murilo. Os bordados de João Cândido. **Revista Manguinhos**, v. 2, p. 68-84, Jul/Out, 1995.
- CARVALHO, Mariana Diniz de. **Educando Donzelas**: trabalhos manuais e ensino religioso (1859-1934). 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- CERAVOLO, Suely. Exposições temporárias para as “senhoras e senhoritas” da sociedade baiana: o discurso performativo do Instituto Feminino da Bahia (1920 a 1968). In: **V Congresso Sergipano de**

História e V Encontro Estadual de Pesquisa da Anpuh/SE, 2016, Aracaju/SE. Anais do Congresso. s/n.

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das. **Memórias Bordadas nos cotidianos e nos currículos**. 2007. 104 p. Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

CHRISTO, Maraliz. Tiradentes no açougue Brasil: apropriações de Arlindo Daibert. **Saeculum Revista de História**, João Pessoa, v. 28, p. 275-291, jan/jun, 2013.

EGGERT, Edla (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Desenvolvido por Itaú Cultural. Apresenta catálogo de artistas referentes às artes visuais, cinema, dança, literatura, música e teatro. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario>. Acesso em 2 de novembro de 2017.

FREITAS, Danielle Gross. **Entre ofícios e prendas domésticas: a escola profissional feminina de Curitiba (1917-1974)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, 2011.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. Entre rendas e bordados: memórias de uma disciplina escolar. In: II Congresso Nacional de História da Educação, 2002, Natal-RN. **História e Memória da Educação Brasileira**. Natal-RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002. v. 1. p. 220-230.

GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. Barueri: Ciranda Cultural, 2014.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Vale de Lágrimas: mulheres recolhidas no sertão de Minas Gerais na segunda metade do século XVIII. **Revista de História Regional**, n. 19(2), p. 312-326, 2014.

LARA, Isabella Brandão. **O ensino do bordado na trama da cidade: um estudo sobre gênero, identidades e educação feminina em Belo Horizonte entre as décadas de 1940 e 1960**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary; PINSKY, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 443-481.

MAIA, Mara Jane. **Tecendo o estético e o sensível através do bordado na literatura infantil brasileira**. 2009. 203 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MANOEL, Ivan. **Igreja e educação feminina 1859-1919: uma face do conservadorismo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. 102 p.

OLIVEIRA, Cláudia Fernanda de. **A educação feminina na Comarca do Rio das Velhas (1750/1800): a constituição de um padrão ideal de ser mulher e sua inserção na sociedade colonial mineira**. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. AMARAL, Giana Lange do. Representações da educação feminina em imagens: trabalhos manuais na Primeira República. **Dimensões**, v. 34, p. 380-403, 2015.

PARKER, Rozsika. **The Subversive Stitch: embroidery and the making of feminine**. 3. ed. Londres: I. B. Tauris & Co Ltd, 2010. 247 p.

RIOS, Gilma Maria. A instrução primária e ensino de trabalhos manuais nas escolas mineiras de 1910 a 1920: uma questão de gênero na educação em Minas Gerais. In: **Congresso de pesquisa e ensino de História da Educação em Minas Gerais**: Repensar a História da Educação, pensar a política na História da Educação. Uberlândia: EDUFU, 2017. pp. 51-60.

RODRIGUES, Maria José. **Educação feminina no Recolhimento do Maranhão**: o redefinir de uma instituição. 2010. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2010.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Educação feminina e educação masculina no Brasil colonial. **Revista de História**, São Paulo, v. 55, n. 109, p. 149-164. Março de 1977.

SILVA, Maria Luciana Brandão. **Uma pedagogia da experiência do encontro bordada nas trocas**: Associação de mulheres do bairro Betânia – Ipatinga (MG). Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SILVA, Paulo Fernando Teles de Lemos e. **Bordados Tradicionais Portugueses**. Dissertação (Mestrado em Design e Marketing). Departamento de Engenharia Têxtil. Universidade do Minho, Portugal, 2006.

SOUSA, Maisa. **O Bordado como linguagem na Arte/Educação**. 2012. 41 f. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Artes Plásticas) – Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

TADDEI, Angela Maria Soares. Notas sobre a obra A Pátria (1919), de Pedro Bruno. **Revista CPC**, n. 10, p. 193-205, Mai/Out, 2010.

TEIXEIRA, Rosiley. **Inscritas em linho branco**: os concursos públicos para candidatas às vagas das escolas mistas e femininas de São Paulo (1893-1897). In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação: círculos e fronteiras da educação no Brasil, 2013, Cuiabá.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-455-9

